

AVALIAÇÃO DE TRADUÇÃO DE POESIA

O CONSENSO ATRAVÉS DA ANOTAÇÃO SUBTÍTULO

Juliana Cunha Menezes
(UFPA)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
<p>Juliana Cunha Menezes é bacharel e Licenciada em Letras (Inglês/ Literaturas de Língua Inglesa) pela UERJ (2009). Certificada pelo curso de Formação de Tradutores (Inglês-Português) da PUC-Rio (2010). Mestre em Letras/ Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (2012), e doutora em Letras / Estudos da Linguagem pela mesma universidade (2017). Sua pesquisa de doutorado esteve vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Sentido e Tradução, e ao projeto de pesquisa Tradução poética e ao grupo de estudos em Linguística Computacional, Corpus e Humanidades Digitais (ComCorHd) da PUC-Rio. Autora do livro Fernando Pessoa como tradutor: análise de suas traduções poéticas feitas do inglês para o português, publicado pela Novas Edições Acadêmicas, em 2014. Já lecionou língua inglesa em diversas instituições de ensino, como, por exemplo, HUIHUA COLLEGE (CHINA), Fundação técnico-educacional Souza Marques e na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da FIOCRUZ (Ensino Médio Integrado). Atualmente é Professora Adjunta A da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará. E-mail: julianamenezes@ufpa.br.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este estudo, que se insere no viés pós-estruturalista, está conectado com a minha pesquisa de doutorado, a qual apresentou a hipótese da possibilidade de se estabelecerem categorias capazes de instrumentalizar avaliações consensuais de traduções de poesia. Assim, dadas duas ou mais traduções de um poema, submetidas a dois ou mais avaliadores que adotem categorias uniformes de análise, suas avaliações, ainda que não idênticas, terão em comum alguns pontos relevantes. A busca pelo consenso foi feita através da anotação, uma das atividades da Linguística Computacional, que consiste em identificar e classificar um certo fenômeno linguístico, utilizando rótulos, etiquetas, categorias, em um determinado <i>corpus</i> para, assim, atingirmos uma determinada meta. Neste estudo, especificamente, destacamos, através da anotação, alguns aspectos semântico-lexicais de um poema original em inglês, os quais foram alterados, omitidos, acrescentados, na tradução em português. O objetivo deste trabalho é discutir parte do processo de explicitação, sistematização e validação de categorias para as avaliações em questão, apresentando convergências e divergências entre duas anotações diferentes dos mesmos textos, original e tradução.</p>	<p>This study, which can be included in the post-structuralist field, has as its hypothesis the possibility of establishing categories capable of making the following kind of assessment possible: consensual assessment of poetry translations. Therefore, when taking into consideration two or more translations of a poem, submitted to two or more evaluators who adopt uniform categories of analysis, their assessment, though not identical, will have some relevant aspects in common. The search for consensus is carried out through annotation, one of the activities of Computational Linguistics, which identify and classify a certain linguistic phenomenon, using labels, tags, categories, in a given <i>corpus</i>, so as to achieve a certain goal. In this study, specifically, we highlight, through annotation, some semantic-lexical aspects of an original poem in English that were altered, omitted, added, in the Portuguese translation. The aim of this paper is to discuss part of the process of description, systematization, and validation of categories for the assessment in question, presenting convergences and divergences between two different annotations of the same texts, original poem and its translation.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEYWORDS
Tradução de Poesia; Linguística Computacional; Consenso.	Poetry Translation; Computational Linguistics; Consensus.

INTRODUÇÃO

A questão da tradução de poesia vem sendo muito discutida na academia. Há estudiosos que não acreditam nela, pois, para eles, cada poema tem sua essência, que jamais poderia ser transmitida para outra língua:

Um poema lírico é um ser vivo, de uma vida furtiva que reside no arranjo das palavras; não se transporta essa vida para um corpo estranho. Eu lia uma tradução russa muito exata e aceitável das *Noites* de Musset, e ela me dava o mesmo prazer que pode produzir o cadáver de uma bela criatura. A alma tinha desertado, o aroma que constitui todo o valor dessas sílabas evaporara-se (VOGÜE *apud* LARANJEIRA, 1993, p. 25).

Partidários dessa visão encaram o poema como uma forma que contém significados intrínsecos a ela e, por isso, se o idioma muda, tais sentidos se perdem.

Existem teóricos que acreditam na tradução de poesia. Laranjeira (1993), por exemplo, rejeita as ideias expostas acima. Segundo ele, no poema, a interação dos significantes gera significados, e esse processo é denominado de *significância*. Para esse autor, é possível traduzir um poema produzindo, na tradução, “uma *significância* correlata à do poema original” (LARANJEIRA, 1993, p. 30, grifo nosso). Um outro escritor que defende ideias semelhantes às de Laranjeira (1993) é Britto (2002). De acordo com ele, o tradutor pode “*recriar, utilizando, os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original – ou, ao menos, uma boa parte deles*” (BRITTO, 2002, p. 54, grifos nossos). A *significância* de Laranjeira (1993) pode ser encarada como análoga ao processo de *recriar os efeitos de sentido e forma do original* de Britto (2002).

Para os que defendem a intradutibilidade da poesia, a avaliação de uma tradução desse gênero – uma análise profunda de seus aspectos positivos e negativos¹ – não faria sentido. Sob o ponto de vista dos defensores da ideia supramencionada, todas as traduções seriam inválidas. Já se adotarmos as visões de Laranjeira (1993) e Britto (2002), podemos dizer que a avaliação de traduções é possível. Para fazermos essa avaliação, teríamos que comparar a tradução com o original, verificando se a *significância* – os efeitos de sentido e forma do original – foram recriados na tradução.

Mesmo entre os acadêmicos que acreditam na avaliação desse tipo de tradução, podemos apontar divergências. Discutirei brevemente as ideias de Arrojo (2002) e de Britto (2006b) sobre esse tema. Para Arrojo (2002), quando nos propomos a avaliar traduções de poesia, “inevitavelmente (...) aceitaremos e celebraremos aquelas traduções que julgamos

¹ Adaptado de <https://www.aulete.com.br/avaliar>

‘fiéis’ às nossas próprias concepções textuais e teóricas e rejeitaremos aquelas de cujos pressupostos não compartilhamos” (ARROJO, 2002, p. 45). Tal autora tende a focar seus argumentos principalmente na subjetividade do avaliador. Já para Britto (2006b), é possível fazermos avaliações baseando-nos em aspectos significativos de cada nível e plano das traduções — nível formal, semântico-lexical e plano de recursos sonoros — sobre os quais há um certo *grau de consenso* entre estudiosos da área de tradução de poesia. Neste estudo, acredita-se ser possível e importante tentarmos realizar avaliações consensuais de traduções:

É possível utilizar o discurso racional para fazer avaliações e tecer comentários em torno de traduções, fazendo referência a certas propriedades dos textos traduzidos com relação às quais há um certo grau de acordo entre um bom número de pessoas envolvidas nas atividades de traduzir. Dadas duas traduções de um mesmo texto, A e B, cotejem-se A e B com o original e uma com a outra, linha a linha, sílaba a sílaba, examinando e pesando as diferenças, para se chegar a uma conclusão baseada em fatos (não em impressões subjetivas e conceitos vagos, do tipo “A flui mais que B” ou “A capta melhor o espírito do original que B”) e expressa em argumentos lógicos (não, por exemplo, em trocadilhos) (BRITTO, 2006b, p. 252).

Ao seguirmos por esse caminho, poderemos nos libertar de certas ideias sem fundamento, que ainda permeiam vários campos do saber, sobretudo, a Crítica Literária.

Britto (2006b), a fim de justificar suas opiniões acerca de traduções de poesia, utiliza certas categorias para análise e avaliação de traduções. Assumimos que essas categorias utilizadas por ele, individualmente, poderiam ser alvo de um processo que almeja, em última instância, explicitá-las de forma clara o suficiente a ponto de garantir uma concordância quando da sua aplicação a um mesmo objeto (tradução de poesia), por estudiosos diferentes. A ideia seria, então, explicitar categorias implícitas.

Este trabalho, que está estreitamente conectado à pesquisa de doutorado de Menezes (2017), acredita em avaliações consensuais de traduções de poesia. Cremos que podemos nos valer de determinadas categorias, compartilháveis entre estudiosos interessados na área, para dizermos, analisando traduções de um mesmo original, comparando-as com ele, qual seria a mais fiel, a mais próxima desse texto-fonte. A visão sobre *fidelidade* na qual acredito é aquela adotada por Britto (2002): a tradução que apresenta mais correspondência ponto a ponto com o original pode ser considerada a mais fiel.

O presente estudo discute categorias de avaliação de traduções de poemas, levando em consideração somente o nível semântico-lexical. O nível formal (níveis métrico e rimático) e o campo poético de recursos sonoros (aliterações e assonâncias, por exemplo) não foram incluídos neste trabalho.

Essas categorias correspondem a técnicas de tradução: alteração semântica; omissão, acréscimo. Em Britto (2002; 2006a), elas começam a ser utilizadas para as avaliações em questão e, na tese de Menezes (2017), iniciam-se a explicitação, sistematização e validação

delas. O objetivo deste estudo é discutir parte desse processo, apresentando convergências e divergências entre duas anotações diferentes dos mesmos textos, ou seja, do original e da tradução. A fim de atingirmos tal meta, a anotação, uma das atividades da Linguística Computacional, é utilizada.

1 A ANOTAÇÃO NA LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL E NA TRADUÇÃO DE POESIA

A Linguística Computacional (LC) é

Uma área aplicada, que se dedica à resolução de tarefas que envolvem a linguagem e que tem, como um de seus interesses, o desenvolvimento de ferramentas capazes de processar o texto, como lematizadores, analisadores morfosintáticos e semânticos (FREITAS, 2015, p. 45).

Uma das atividades da LC é a *anotação*, que consiste em identificar e classificar um certo fenômeno linguístico, utilizando rótulos, etiquetas, *categorias*, em um determinado *corpus*, para, assim, atingirmos um determinado objetivo. Um *corpus* pode ser definido como “um corpo de material linguístico existente em forma eletrônica, e que pode ser processado pelo computador para pesquisas linguísticas e engenharia linguística, por exemplo” (LEECH, 1997, p. 1). Segundo Leech (1997), a *anotação de um corpus* é

A prática de adicionar informação **interpretativa, linguística** a um corpus eletrônico de dados linguísticos falados e/ou escritos. “Anotação” também pode se referir ao produto final desse processo: os símbolos linguísticos que são anexados, ligados, ou intercalados à **representação** eletrônica do material linguístico em si (LEECH, 1997, p. 2, grifos do autor).

Ao dizermos que a anotação é “interpretativa”, assumimos que ela, pelo menos em algum grau, “é o produto da compreensão do texto pela mente humana. Não há um jeito totalmente objetivo, mecânico, de decidir que etiqueta ou etiquetas devam ser aplicados a um dado fenômeno linguístico (...)” (LEECH, 1997, p. 2).

A anotação nada mais é que uma *categorização*. Segundo Ellis (1993), categorização é “o aspecto mais fundamental da linguagem (...) e é a categorização, não a comunicação, que é a função mais importante da linguagem, que precede todas as outras” (ELLIS, 1993, p. 27). Para Ellis (1993), as línguas são categorizações, pois simplificam a complexidade das experiências, reduzindo a quantidade infinita a um conjunto finito de categorias – a um conjunto finito de palavras. Podemos encontrar uma ideia semelhante em obras de

Nietzsche (2009 [1873]).

Denominamos um homem “honesto”; por que ele agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa de sua honestidade. A honestidade! (...) O certo é que não sabemos nada de uma qualidade essencial, que se chamasse “a honestidade”, mas sabemos, isso sim, de numerosas ações individualizadas, portanto desiguais, que igualamos pelo abandono do desigual e designamos, agora, como ações honestas; por fim, formulamos a partir delas uma *qualitas occulta* com o nome “a honestidade” (NIETZSCHE, 2009 [1873], p. 48, grifo do autor).

De acordo com Ellis, as categorias são construídas em função de nossos interesses:

As categorias linguísticas são, primeiramente, o reflexo dos objetivos coletivos dos falantes, e não os reflexos diretos da estrutura do mundo. Em outras palavras, a equivalência criada pelas categorias de uma língua é funcional: aquelas coisas incluídas numa categoria podem ser e são tratadas como equivalentes em função dos interesses envolvidos na construção dessa categoria, apesar de não serem idênticas. Reciprocamente, o que é excluído de uma categoria é tratado como diferente apesar de algumas coisas excluídas apresentarem mais semelhanças com alguns membros da categoria do que esses mesmos membros apresentam em relação a muitos outros membros da categoria. Por exemplo, na grande cadeia de dialetos de língua românica, que vai do nordeste até o sudeste europeu, um dialeto do francês falado próximo à fronteira da Itália poderia ser (especialmente antes dos efeitos da padronização serem sentidos) mais parecido com o dialeto do italiano falado do outro lado da fronteira do que com o seu respectivo idioma padrão; mesmo assim, tais dialetos ainda são categorizados como “francês” e “italiano” (ELLIS, 1993, p. 34).

Ellis (1993) complementa tal ideia afirmando que, como nossos interesses variam, nossas categorias são fluidas, instáveis: “as coisas que são agrupadas pelas categorias linguísticas são tratadas *como se fossem* equivalentes e que as razões para essa equivalência podem variar” (ELLIS, 1993, p. 35, grifo do autor). Para os objetivos deste estudo, foram agrupadas omissões variadas na categoria OMISSÃO, alterações semânticas variadas na categoria ALTERAÇÃO SEMÂNTICA; acréscimos variados na categoria ACRÉSCIMO. Somente assim, igualando o não igual, foi possível darmos conta da variedade de características do nível semântico-lexical do estudo de caso.

A anotação, tanto na LC quanto na tradução de poesia, pode ser um recurso para se fazer *avaliações*. Na LC, a anotação é geralmente usada para verificar o grau de acerto de um sistema com relação a uma determinada tarefa. Uma das maneiras de se avaliar um sistema é comparando o seu resultado com o de um gabarito (também chamado de *golden collection*). A criação de gabaritos, na Linguística Computacional, é um trabalho essencialmente linguístico e moroso: o gabarito representa o desempenho humano, e é em

comparação a ele que os sistemas deverão ser comparados. A criação desses gabaritos, frequentemente, é feita por meio da tarefa de anotação. Na tradução de poesia, quando temos duas traduções de um mesmo original, podemos elaborar categorias para anotar o original e as traduções, a fim de se fazer possíveis avaliações: entre as duas traduções, verificar qual seria a mais fiel ao original.

Tais recursos de avaliações, na LC e na tradução de poesia, baseiam-se no *consenso*. Na LC, ao compararmos o resultado do sistema com o de um gabarito, verificamos o quanto esse resultado *coincide* com o gabarito. E na tradução de poesia, ao compararmos as anotações do original e das traduções, feitas por diferentes estudiosos, verificamos o grau de *coincidência* entre as anotações. Tanto em uma área quanto na outra, apesar de usarmos categorias que consideramos bastante precisas e delimitadas, observamos, através da anotação, que “sempre que traçamos uma linha divisória entre duas categorias há uma zona cinzenta entre elas, e haverá casos que não se enquadram perfeitamente nem numa nem na outra” (BRITTO, 2012, p. 29). Os limites entre as categorias podem parecer, a princípio, bem claros, porém, ao anotarmos, deparamo-nos com a fluidez dessas fronteiras.

Cada anotação tem seu objetivo específico e, segundo Leech (1997), há uma série de decisões que precisam ser tomadas quando anotamos um *corpus*, e são norteadas pelos nossos interesses, pelos objetivos da anotação. A tomada de decisão é constante na anotação, o que evidencia determinados aspectos linguísticos inerentes à imprecisão das categorias, utilizadas para estabilizar um dado fenômeno. Portanto, a anotação pode nos ajudar a investigar a língua, porque lida, o tempo todo, com as “zonas cinzentas” da linguagem natural. Dessa forma, neste estudo,

Entendemos a anotação como uma forma de estudar a língua, e não apenas como uma atividade mecânica capaz de prover material para sistemas que processam a língua automaticamente. A anotação possibilita um estudo linguístico empírico, desenhado à maneira clássica, no qual se criam hipóteses (categorias/etiquetas provisórias) que serão verificadas durante a anotação. Nesse processo, as hipóteses iniciais podem ser confirmadas ou os dados podem levar à reformulação das categorias iniciais, e o processo recomeça. Enfatizamos a anotação como um procedimento que envolve interpretação, classificação e formalização do fenômeno em foco (SANTOS et al., 2015, p. 13-14).

No presente estudo, as anotações do poema original e da tradução foram feitas por duas diferentes estudiosas. Ao compararmos essas anotações em busca de consenso, confirmarmos/validamos ou verificamos a necessidade de reformulação das categorias. O consenso permite confirmação e validação, já a falta dele abre espaço para reformulações e refinamentos. A anotação, além de nos ajudar a atingir os objetivos do estudo, também deve salientar os limites da metalinguagem, pois todas as categorias que utilizarei neste

trabalho são palavras da linguagem natural: se as palavras são categorias fluidas da linguagem, as categorias utilizadas na presente pesquisa podem ser consideradas ferramentas instáveis para análise e avaliação de tradução de poesia.

Neste trabalho, o *corpus* é composto por dois poemas: o original, em inglês, e a tradução, em português. A anotação foi feita usando ferramentas do *Microsoft Word*. Dois anotadores, com grande conhecimento na área da Tradução, foram voluntários: TM e EF. Ambos usaram um manual para instruí-los nas anotações, o qual continha as explicações das categorias, orientações para anotação, e exemplos de anotação de cada categoria.

2 METODOLOGIA: UM MANUAL PARA ANOTAÇÃO

A fim de apresentarmos as concordâncias e discordâncias entre duas anotações distintas dos mesmos textos, original e tradução, utilizamos anotadores voluntários e um manual para anotação.

2.1 OS ANOTADORES

2.1.1 TM

Graduada em Letras – Inglês/Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Certificada pelo curso de extensão de Formação de Tradutores Inglês-Português da PUC-Rio. Mestre em Letras/Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, e doutora em Letras/Estudos da Linguagem pela mesma universidade.

2.1.2 EF

Graduou-se em Letras (Tradução Inglês-Português) pela PUC-Rio em 2009, ganhando, no mesmo ano, o Prêmio Destaque de Iniciação Científica da Categoria CNPq, do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, com o projeto “As traduções brasileiras da poesia de W. B. Yeats”, orientado pelo professor Paulo Henriques Britto.

2.2 CATEGORIAS, EXPLICAÇÕES, ORIENTAÇÕES PARA ANOTAÇÃO E EXEMPLOS DE ANOTAÇÃO DE CADA CATEGORIA

2.2.1 ALTERAÇÃO SEMÂNTICA

É a técnica que consiste em traduzir um substantivo, um adjetivo, uma oração, um

período ou um verso do original, alterando seus elementos semânticos em um substantivo, um adjetivo, uma oração, um período ou um verso correspondente da tradução. As ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS devem ser anotadas da seguinte forma: {XXXXX}^{asem}, no original e na tradução, mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves. As alterações semânticas que ocorrerem entre conjunções, artigos, preposições e pronomes isolados, da tradução e do original, não serão levadas em consideração.

Podemos considerar que há alteração de elementos semânticos do original nos seguintes casos, em que a tradução não utiliza sinônimos, hipônimos ou hiperônimos. Exemplo:²

Of thy {happy} ^{asem} strain?	Do teu canto {em flor} ^{asem} ?
--	--

Nesse caso, temos “em flor” como a tradução de “happy” (feliz, alegre, contente). “Em flor” não é sinônimo, hipônimo ou hiperônimo de “feliz, alegre, contente”. Dessa forma, podemos dizer que há alteração semântica na tradução de “happy” por “em flor”.

2.2.2 OMISSÃO

É a técnica de tradução que consiste na omissão de elementos semânticos presentes em um substantivo, um adjetivo, uma oração, um período ou um verso da estrofe do original. As OMISSÕES devem ser anotadas da seguinte forma: {XXXXX}^{omi}, no original, mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves. As omissões de conjunções, artigos, preposições e pronomes isolados não serão levadas em consideração.

Received by men; Thou Angel bringst [with thee A heaven like Mahomets Paradise; [and though {III} ^{omi} spirits walk in white, we easily [know By this these Angels from an evil [sprite,	Aos homens. Tu, meu Anjo, és como [o céu De Maomé. E se no branco têm [contigo Semelhança os espíritos {XXXX} ^{omi} , [distingo: O que o meu Anjo branco põe não é O cabelo mas sim a carne em pé.
--	--

² Todas as tabelas desta seção e das seguintes foram retiradas de Menezes (2017).

Those set our hairs, but these our [flesh [upright.	
---	--

No caso em questão, há omissão de “Ill” (*maus*), resultando na ausência, na tradução, da distinção entre espíritos maus e anjos bons.

2.2.3 ACRÉSCIMO

É a técnica de tradução que consiste no acréscimo de elementos semânticos que não estão presentes na estrofe do original, através de um substantivo, um adjetivo, uma oração, um período ou um verso da tradução. Os ACRÉSCIMOS devem ser anotados da seguinte forma: {XXXXX}^{acr}, na tradução, mantendo sempre o termo ou o trecho a ser anotado entre duas chaves. Os acréscimos de conjunções, artigos, preposições e pronomes isolados não serão levados em consideração.

To teach thee, I am naked first; why [then	Que esperas? Estou nu...[e as horas [se consumem] ^{acr}
What needst thou have more [covering [than a man	Mais cobertura tu desejas do que um [homem?

Nesses dois últimos versos da tradução, encontramos acréscimo de “e as horas se consumem”. Tal trecho contém elementos semânticos que não encontramos no verso correspondente do original e, na verdade, em verso nenhum do original. No poema em inglês, temos a ideia de que o homem tira a roupa para ensinar a mulher a fazê-lo, sem pressa, enquanto na tradução vemos o homem perdendo a paciência com a mulher, querendo que eles façam sexo logo. Acréscimos como esses ocorreram com frequência ao longo de toda a tradução em questão.

2.3 OBSERVAÇÃO

A fim de evitar confusão, o anotador pode, sempre que as categorias se repetirem em um mesmo estudo de caso, numerar, com algarismos arábicos, as etiquetas na anotação: o trecho {XXXXX}^{asem1} do original corresponderia ao trecho {XXXXX}^{asem1} da tradução; e o

trecho {XXXXX}^{asem2} do original corresponderia ao trecho {XXXXX}^{asem2} da tradução, por exemplo.

3 O ESTUDO DE CASO: SONETO 130, DE SHAKESPEARE, E A TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS, DE IVO BARROSO

3.1 SONETO 130, DE SHAKESPEARE

My mistress' eyes are nothing like
the sun;]
Coral is far more red than her lips'
red;]
If snow be white, why then her breasts
are dun;]
If hairs be wires, black wires grow on
her head.

I have seen roses damasked, red
and white,]
But no such roses see I in her
cheeks;
And in some perfumes is there more delight
Than in the breath that from my mistress reeks.

I love to hear her speak, yet well I
know]
That music hath a far more
pleasing sound;]
I grant I never saw a goddess go;
My mistress when she walks treads on the ground.

And yet, by heaven, I think my
love as rare]
As any she belied with false
compare.]

3.2 A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS, DE IVO BARROSO

Seus olhos nada têm de um sol que
arda]
E mais rubro é o coral que sua boca:
Se a neve é branca, sua tez é
parda;]
São fios negros seu cabelo em

touca.]

Vi rosas mesclas de rubor e alvura,
Mas tais rosas não vejo em sua face.
Sei de perfumes que têm mais
doçura]
Que o hálito da amada evolasse.

Amo ouvi-la falar, porém insisto
Que mais me agrada ouvir uma canção.
De deusas nunca devo o andar ter visto
— Minha amante ao andar pisa no
chão.]

No entanto, pelos céus, acho-a mais rara
Do que a mulher que em falso se
compara.]

4 O SONETO 130

Tal poema é um dos sonetos de Shakespeare dedicados à *Dark Lady* (“Dama Negra”), uma mulher com quem Shakespeare se relacionou. Segundo Wanderley (1991), ela era morena, possivelmente bem tisonada, uma característica inferiorizante, numa sociedade elizabetana, onde a beleza era sinônimo (*fair*) de cabelos louros, pele clara, olhos azuis ou verdes. Ademais, tocava um instrumento musical (possivelmente uma espineta³), apresentando o que hoje chamaríamos de um “temperamento musical”; que em sua vida passavam, “como em sorvedouro”, muitos homens e que essas relações, como era frequente na sociedade elizabetana, estavam longe de ser inocentes ou castas (WANDERLEY, 1991).

De acordo com Wanderley (1991), Shakespeare disputava a atenção da Dama Negra com Southampton, um nobre por quem o poeta também nutria sentimentos. O soneto 133 trata desse triângulo amoroso.

O soneto 130 trata somente da Dama Negra. Ao longo das três quadras, o eu-lírico não a idealiza, satirizando suas características. No dístico final, ele a enaltece.

5 O TRADUTOR IVO BARROSO

³ De acordo com o Aulete Digital (2006), *espineta* seria: “Antigo instrumento de teclado e cordas percutíveis, semelhante ao cravo, mas de época anterior”. Disponível em: www.aulete.com.br/espineta

Barroso é considerado um dos tradutores de literatura mais importantes no Brasil do século XX. Abaixo apresento algumas informações sobre esse renomado tradutor, retiradas do verbete “Ivo Barroso”, do *Dicionário de tradutores literários no Brasil*, da UFSC: foi aluno da antiga Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde fez o curso de línguas e literaturas neolatinas. Desde cedo se dedicou à tradução de poesia, incentivado por seus mestres. Já na década de 60, integrou o movimento concretista que tinha no *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*, seu veículo de expressão, no qual publicou várias de suas traduções e poemas originais.

Pertenceu ao grupo redatorial da revista *Senhor*, e foi escolhido por Paulo Rónai para integrar o grupo de tradutores encarregados dos trabalhos da *Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura*. Em 1968, seguiu para a Holanda, onde começou a traduzir os *Sonetos* de Shakespeare. (...) Consagrou grande parte da sua vida à tradução dos poemas de Rimbaud. Em 1995, lançou, pela *Topbooks*, o primeiro volume das obras completas do autor francês, seguido em 1998 de *Prosa Poética*, com o qual ganhou o Prêmio Jabuti de tradução. Ganhou também o Prêmio Jabuti pela tradução de *O livro dos gatos*, de T. S. Eliot, em 1992; o Prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional pela *Novela do bom velho e da bela mocinha*, de Italo Svevo, em 1997 e em 2005, ganhou o Prêmio da ABL (Academia Brasileira de Letras) de tradução por seu trabalho no *Teatro completo*, de T. S. Eliot (VERÇOSA; GUERINI, 2005).

Foi lançada, também em 2005, uma obra bilíngue — *42 sonetos*, de Shakespeare — traduzidos para o português por Barroso. Dentre os originais e traduções, podemos encontrar o soneto 130 e a tradução desse escritor, que compõem o estudo de caso deste trabalho.

6 ANOTAÇÕES FEITAS POR TM E EF

6.1 ANOTAÇÃO FEITA POR TM

SONETO 130 E TRADUÇÃO ANOTADOS POR TM

My mistress' eyes are nothing like the [sun; Coral is far more red than her lips' [red;	Seus olhos nada têm de um sol {que [arda} ^{acri} E mais rubro é o coral que sua boca:
--	--

<p>If snow be white, why then her {breasts}^{asem1} [are dun; {If hairs be wires}^{omi}, black wires [grow [on her head.</p> <p>I have seen roses {damasked}^{asem2}, red [white, But no such roses see I in her cheeks; And in some perfumes is there more {delight}^{asem3} Than in the breath that from my [mistress [reeks.</p> <p>I love to hear her speak, {yet well I [know}^{asem4} That music hath a far more pleasing [sound;</p> <p>I grant I never saw a goddess go;</p> <p>My mistress when she walks treads [on the [ground.</p> <p>And yet, by heaven, I think my love [as rare</p> <p>As^{asem5} any she belied with false</p>	<p>Se a neve é branca, sua {tez}^{asem1} é [parda; São fios negros seu cabelo {em touca}^{acr2}.</p> <p>Vi rosas {mesclas}^{asem2} de rubor e [alvura, Mas tais rosas não vejo em sua face. Sei de perfumes que têm mais {doçura}^{asem3} Que o hálito da amada evolasse.</p> <p>Amo ouvi-la falar, {porém [insisto}^{asem4} Que mais me agrada ouvir uma [canção.</p> <p>De deusas nunca devo o andar ter [visto —</p> <p>Minha amante ao andar pisa no chão.</p> <p>No entanto, pelos céus, acho-a {mais [rara</p> <p>Do que}^{asem5} a mulher que em falso se [compara.</p>
--	--

[compare.	
-----------	--

Fonte: Menezes (2017).

Ao todo foram anotadas 8 ocorrências de categorias. Separando e contabilizando as categorias, temos: 2 acréscimos, 5 alterações semânticas, e 1 omissão, como ilustra a tabela A:

TABELA A: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS PARA CADA CATEGORIA

Categoria	Nº de ocorrências
Acréscimo	2
Alteração semântica	5
Omissão	1

Fonte: Menezes (2017).

6.2 ANOTAÇÃO FEITA POR EF

SONETO 130 E TRADUÇÃO ANOTADOS POR EF

My mistress' eyes are nothing like [the [sun; Coral is {far} ^{omi} more red than her [lips' red; If snow be white, why then her {breasts} ^{asem1} [are dun; If hairs be wires, black wires grow on [her [head. I have seen roses {damasked} ^{asem2} , red	Seus olhos nada têm de um sol {que [arda} ^{acr} E mais rubro é o coral que sua [boca: Se a neve é branca, sua {tez} ^{asem1} é [parda; São fios negros seu cabelo em touca. Vi rosas {mesclas} ^{asem2} de rubor e
---	--

[and white, But no such roses see I in her cheeks; And in some perfumes is there more [[delight] ^{asem3} Than in the breath that from my [mistress [reeks. I love to hear her speak, yet well I [[know] ^{asem4} That {music} ^{asem5} hath a far more [pleasing [sound; I grant I never saw a goddess go; My mistress when she walks treads [on the [ground. And yet, by heaven, I think my love [as rare As any she belied with false [compare.	[alvura, Mas tais rosas não vejo em sua face. Sei de perfumes que têm mais [[doçura] ^{asem3} Que o hálito da amada evolasse. Amo ouvi-la falar, porém [[insisto] ^{asem4} Que mais me agrada ouvir uma {canção} ^{asem5} . De deusas nunca devo o andar ter [visto — Minha amante ao andar pisa no [chão. No entanto, pelos céus, acho-a mais [rara Do que a mulher que em falso se [compara.
---	---

Fonte: Menezes (2017).

Ao todo, EF anotou 7 ocorrências de categorias, sendo 1 acréscimo, 1 omissão e 5 alterações semânticas, como ilustra a tabela B:

TABELA B: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS PARA CADA CATEGORIA

Categoria	Nº de ocorrências
Acréscimo	1
Alteração semântica	5
Omissão	1

Fonte: Menezes (2017).

6.3 COMPARAÇÃO DAS ANOTAÇÕES

NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE CATEGORIAS PARA CADA ANOTADOR

Anotadores	Número de ocorrências anotadas
TM	8
EF	7

Fonte: Menezes (2017).

Aqui, nota-se que anotei uma ocorrência a mais que EF. Veremos a seguir, nesta subseção, as discordâncias que aconteceram nessas ocorrências anotadas.

TABELA D: TOTAL DE ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS PARA CADA ANOTADOR

Anotadores	Total de ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS
TM	5
EF	5

Fonte: Menezes (2017).

Quanto às alterações semânticas, houve duas discordâncias:

Uma alteração semântica foi anotada somente por mim:

1. Dístico final: de “as rare/ As” (*tão rara quanto*) para “mais rara/ Do que”.

Uma alteração semântica foi anotada somente por EF:

1. Terceira estrofe, segundo verso: de “music” (*música*) para “canção”.

TABELA E TOTAL DE OMISSÕES PARA CADA ANOTADOR

Anotadores	Total de OMISSÕES
TM	1
EF	1

Fonte: Menezes (2017).

Quanto às omissões, houve duas discordâncias:

Uma omissão foi anotada somente por mim:

Primeira estrofe, quarto verso: "If hairs be wires" (*Se cabelos são fios*).

Uma omissão foi anotada somente por EF:

Primeira estrofe, segundo verso: "far" (*bem*).

TABELA F: TOTAL DE ALTERAÇÕES ACRÉSCIMOS PARA CADA ANOTADOR

Anotadores	Total de ACRÉSCIMOS
TM	2
EF	1

Fonte: Menezes (2017).

Quanto aos acréscimos, houve uma discordância:

(a) Discordância: primeira estrofe, quarto verso: acréscimo anotado somente por mim: "em touca".

TABELA G: RESUMO GERAL

Total de concordâncias	5
Total de discordâncias	5
Categorias que levaram a mais concordâncias	ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO
Categorias que levaram a mais discordâncias	OMISSÃO
Categorias que não foram encontradas	TODAS FORAM ENCONTRADAS

Em relação às 5 discordâncias, 2 foram quanto às alterações semânticas, 2 em relação às omissões, e 1 referente aos acréscimos.

Quanto às categorias que levaram a mais concordâncias, observamos que ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO foram as duas únicas categorias que apresentam alguma convergência nas anotações.

Já quanto às categorias que levaram a mais discordâncias, notamos que OMISSÃO foi a única que apresentou somente divergências. Nessa análise observamos, também, que todas as três categorias do guia SL2 foram encontradas por ambos os anotadores.

6.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a Tabela G, as categorias que levaram a mais concordâncias foram ALTERAÇÃO SEMÂNTICA e ACRÉSCIMO. Ainda nessa tabela, observamos que a categoria que levou a mais discordâncias foi OMISSÃO. Assim, podemos considerar que, talvez, OMISSÃO precise de reformulações. Na omissão que somente EF anotou (primeira estrofe, segundo verso) “Coral is {far}^{omi} more red than her lips’ red” (original) / “E mais rubro é o coral que sua boca” (tradução), *far*, aqui, é um advérbio de intensidade: *far more red*, seria, em português, “bem mais rubro”. Ao relermos as explicações da categoria em questão, notamos que não incluem e nem excluem omissões de *advérbios*. Creio que, para EF, essa “intensidade” não está presente na tradução e, dessa forma, ele anotou esse *far* como omissão.

Temos uma omissão que somente TM anotou: “{If hairs be wires}^{omi}, black wires grow on her head” (original) / “São fios negros seu cabelo em touca.” (tradução) — primeira estrofe, quarto verso: como as explicações de OMISSÃO incluem omissões de elementos semânticos presentes em orações, e os elementos semânticos presentes em “If hairs be wires” (*Se cabelos são fios*) não estão presentes na tradução, TM decidiu anotar a omissão de tal oração. No cômputo geral, quanto à categoria OMISSÃO, creio que ela necessite de refinamento para, ao menos, incluir em suas explicações a *omissão de elementos semânticos presentes em advérbios*.

Quanto às anotações de alterações semânticas e de acréscimos, tivemos algumas divergências também. As explicações de ALTERAÇÃO SEMÂNTICA incluem alteração de elementos semânticos em um adjetivo. Assim, TM anotou o seguinte trecho como alteração semântica (dístico final, primeiro e segundo verso): “as rare /

As” (*tão rara quanto*) para “mais rara / Do que”, pois pode ter acreditado que houve alteração de elementos semânticos na tradução do trecho, que contém o adjetivo “rare”; no original, “rara” está em comparação de igualdade, enquanto que em “mais rara / Do que”, “rara” está em comparação de superioridade. Temos uma alteração semântica que somente EF anotou (terceira estrofe, segundo verso): a tradução de “music” por “canção”. TM não anotou nada nesse trecho, pois, de acordo com as explicações de ALTERAÇÃO SEMÂNTICA, podemos considerar que há alteração de elementos semânticos do original quando a tradução não utiliza sinônimos, hipônimos ou hiperônimos.

No caso em questão, é possível considerarmos que o substantivo “music” (*música*) tenha sido traduzido por um hipônimo, “canção”, dessa forma, não há alteração semântica na tradução desse trecho. Encontramos discordância, também, na anotação do acréscimo de “em touca” (primeira estrofe, quarto verso), feita somente por TM. As explicações de ACRÉSCIMO incluem acréscimo de elementos semânticos que não estão presentes na estrofe do original, através de, por exemplo, um substantivo, e é isso que podemos observar nesse caso. Além disso, as explicações da categoria em questão não levam em consideração acréscimos de preposições isoladas, porém, em “em touca”, a preposição “em” está acompanhada do substantivo “touca”. Levando tal questão em conta, TM decidiu considerar que em “If hairs be wires, black wires grow on her head” (original)/ “São fios negros seu cabelo {em touca}^{acr2}” (tradução), há acréscimo.

7 CONCLUSÃO

A explicitação, sistematização e validação de categorias do nível semântico-lexical iniciaram-se neste estudo e podem continuar em pesquisas futuras. Todas as três categorias, ALTERAÇÃO SEMÂNTICA, ACRÉSCIMO e OMISSÃO, precisam de reformulação, porque causaram divergências entre as anotações, o que evidencia a instabilidade dessas categorias, que nada mais são do que palavras da linguagem natural. Através dos resultados deste trabalho, pude notar como nossas idealizações são limitadas. Para identificar e classificar as categorias em questão, cujas explicações e reformulações parecem óbvias, aderimos a uma série de pressupostos, não explicitados, que permeiam nosso entendimento do que viria a ser um *acréscimo*, uma *alteração semântica*, uma *omissão*. A anotação nos obriga a delimitar as explicações das categorias, para que se chegue cada vez mais perto do consenso, a fim de que possamos utilizar categorias para avaliações cada vez mais baseadas em argumentos bem fundamentados.

As divergências no nível semântico-lexical, salientadas pela anotação, não são encaradas de modo absoluto: como não há total concordância, apenas pode haver total discordância e, assim, não há como existir avaliações de tradução de poesia com um mínimo de consenso. Neste estudo, consideramos que as categorias utilizadas, apesar de imprecisas, podem apontar novos caminhos que nos aproximem cada vez mais de uma metodologia para avaliações cada vez mais concordantes. Acreditamos que esta poderia, no futuro, ser utilizada por variados profissionais que avaliam traduções, a fim de que os ajude a construir discussões menos vagas acerca de textos traduzidos.

Creio que a área de tradução de poesia enriqueceu-se do diálogo com a Linguística Computacional: a anotação prevê interpretações e tomadas de decisão, evidenciando, assim, as possíveis interpretações e decisões tomadas durante o processo de tradução. Assim, acredito que tal estudo pode ser considerado como uma das possíveis continuções do pontapé inicial dado por Britto (2002, 2006a, 2006b, 2012) na questão de avaliações consensuais de traduções de poesia.

Um caminho que poderia ser seguido a partir deste trabalho, através de uma parceria com a Engenharia Computacional, seria o desenvolvimento de uma ferramenta para anotação de poemas, e de uma métrica para avaliação de traduções de poesia, utilizando as categorias presentes neste trabalho. Assim, este estudo poderia ser visto, de certa forma, como uma contribuição para a Linguística Computacional também. Além disso, os resultados desta pesquisa podem ser interessantes para professores, alunos, tradutores que trabalhem com Crítica Literária e que desejem realizar avaliações de textos e de suas traduções de forma menos subjetiva.

REFERÊNCIAS

BRITTO, P. H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, G. B. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.

BRITTO, P. H. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: SOUZA, M. P. de et al. **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL/Flor&Cultura, 2006a.

BRITTO, P. H. **Fidelidade em tradução poética: o caso Donne**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. X, n. 15, jul-dez, p. 239–254, 2006b.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.



ELLIS, J. M. The heart of language: categorization. In: ELLIS, J. M. **Language, Thought and Logic**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1993. p. 27-44.

FREITAS, C. Corpus, Linguística Computacional e as Humanidades Digitais. In: LEITE, M. S.; GABRIEL, C. T. (Org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

GUERINI, A.; VERÇOSA, F. B. S.; Ivo Barroso. In: GUERINI, A.; TORRES, M. H.; FURLAN, M.; COSTA, W. C.; HEIDERMAN, W. **Dicionário de tradutores literários no Brasil**. Florianópolis: NUT, 2005.

LEECH, G. Introducing corpus annotation. In: GARSIDE, R.; LEECH, G.; MCENERY, T. **Corpus annotation: linguistic information from computer text corpora**. London: Longman, 1997. p. 1-18.

MENEZES, J. C. **Avaliação de tradução de poesia: a anotação na busca pelo consenso**. Rio de Janeiro, 2017, 196p. Tese de Doutorado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NIETZSCHE, F. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. In: MARÇAL, J. (Org.) **Antologia de Textos Filosóficos**. Paraná: SEED, 2009 [1873].

PROJETO CALDAS AULETE. Aulete Digital. Lexikon Editora Digital: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 21/12/2023.

SANTOS, D. et al. Comparando anotações linguísticas na Gramateca: filosofia, ferramentas e exemplos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 9, n°2, abr-jun, p. 11-26, 2015.

SHAKESPEARE, W. **42 sonetos**. Tradução e introdução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SHAKESPEARE, W. **Sonetos**. Tradução e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

Título em inglês:

ASSESSMENT OF POETRY TRANSLATION: CONSENSUS THROUGH ANNOTATION